

***Chabadabadá* (2010) por elas: a subjetividade feminina na adaptação da obra literária
para as telas no episódio *Psicologia para cachorro*¹**

Annyela Gomes Rocha de Oliveira²
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

A série *Chabadabadá* é uma adaptação do livro homônimo de Xico Sá, de 2010, que aborda temas como sexo e relacionamentos. Esse estudo se baseia em pesquisas sobre adaptação (Xavier, 2003; Stam, 2008) e sobre corpo e sensorialidade (Elsaesser e Hagener, 2018; Vieira Jr, 2021), para analisar como estão colocadas as subjetividades femininas no episódio *Psicologia para cachorro*, escrito por Anna Carolina Francisco e dirigido por Tuca Siqueira. A partir da metodologia da análise fílmica, analisamos aspectos técnicos e estéticos da obra, como resultado de adaptação liderada por mulheres e que opera com as linguagens do audiovisual e da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Adaptação; Audiovisual e Literatura; Cinema Pernambucano; Corpo e Sensorialidade; Cinema e Gênero Feminino

O protagonismo feminino tem sido pauta de debates, obras, eventos, tanto na área cultural como no mercado de trabalho do cinema e audiovisual. Há, na sociedade, uma violência simbólica, como apontava Pierre Bourdieu (1999), que se exerce pelas vias simbólicas de comunicação. É necessário debater essa violência simbólica nos meios de comunicação, seja no campo da criação artística, seja na pesquisa acadêmica. Assim, esse estudo se propõe a observar o primeiro episódio da série para TV *Chabadabadá*, intitulado *Psicologia para Cachorro*, escrito por Anna Carolina Francisco e dirigido por Tuca Siqueira, analisando as subjetividades femininas na obra, investigando os processos de adaptação e o engajamento dos corpos no episódio.

Metodologia

A série para televisão *Chabadabadá* é uma adaptação do livro homônimo de Xico Sá, publicado em 2010 pela editora Record. O livro traz crônicas sobre sexo,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE02 - Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025

² Mestranda e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE, email: annyela.rocha@ufpe.br

relacionamentos e sobre o olhar masculino e boêmio do autor. Em 2023, a série foi filmada, com uma configuração interessante de equipe, na qual Camila Valença assina produção executiva, Cláudio Assis assina direção geral, e Julia Moraes e Tuca Siqueira assinam também a direção dos episódios.

O objetivo é o de analisar filmicamente o primeiro episódio da série, *Psicologia para Cachorro*, escrito por Anna Carolina Francisco, e dirigido por Tuca Siqueira, tendo como base estudos sobre adaptação como Xavier (2003), Stam (2008) e Barthes (2011), e estudos sobre corpo e sensorialidades, como Elsaesser e Hagener (2018) e Vieira Jr (2021).

A hipótese é a de que cada episódio é resultado dos processos de adaptação de uma obra literária a partir da ótica de profissionais mulheres, que lideraram escolhas técnicas e estéticas nas funções de roteiro e direção, operando com as imagens e significados para promover uma relação com o público espectador.

Fundamentação Teórica

No livro de Xico Sá, o autor relata situações que viveu, ouviu ou imaginou, em cenários que evocam tanto São Paulo e Recife como o interior do Ceará. Para ele, há uma diferença explícita entre seu modo de ser e os modos daqueles que ele classifica como macho-jurubeba, homem-*bouquet*, homem-hortinha. Já as mulheres, ele se refere como fêmeas, categoriza as mulheres-*comfort*, e no geral parece observá-las ou sob o prisma do relacionamento afetivo, ou como maternais, aquelas que estariam sempre dispostas a montar um prato de arroz, feijão e bife com ovo estrelado.

Para analisar esse processo de adaptação, partimos da noção de que a fidelidade, pura e única, não pode ser o único parâmetro guiador da observação, como afirma Ismail Xavier em *Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema* (Xavier, 2003). Robert Stam também explica, em *A literatura através do cinema*, que se opõe à noção de fidelidade como único parâmetro guiador para pensar uma adaptação e o autor ressalta que sempre existirão diferenças por conta da alteração no meio de comunicação (Stam, 2008).

Para além da questão da fidelidade, existem ainda as especificidades de cada linguagem. Ismail Xavier explica que uma tradução dita bem sucedida, passa por uma questão de estilo, transpondo o que é específico do texto para o que é específico do

cinema. Ele sugere que o lema deve ser “ao cineasta o que é do cineasta, ao escritor o que é do escritor” (Xavier, 2003, p. 62), afirmando que o texto deve ser visto como ponto de partida e não de chegada.

Existe ainda o aspecto colaborativo no fazer cinematográfico, que nos leva a pensar que, no processo de adaptação de uma obra escrita para uma obra filmada, teremos não mais apenas as “vozes” criadas pela pessoa autora, mas também as vozes de toda uma equipe envolvida num processo de adaptação, que para Bakhtin constitui uma “construção híbrida”, somando as palavras de várias pessoas (Stam, 2008).

Além da relação de adaptação, a análise fílmica também observará os estudos sobre o corpo fílmico e o corpo da pessoa espectadora se relacionando com os sentidos fílmicos. As imagens hápticas e a adoção de uma “câmera corpo”, como apontadas por Erly Milton Vieira Junior, que observou seu uso em produções recentes da filmografia LGBTQIA+ brasileira, como *Tatuagem* (Hilton Lacerda, 2013), *Praia do Futuro* (Karim Aïnouz, 2014) e *Peixe* (Yasmin Guimarães, 2019). As possibilidades que se desenham entre corpos, filmes e fluídos também fazem parte da pesquisa de Linda Williams (2004).

Análise

A primeira releitura e mudança de ótica essencial para *Chabadabadá* está no trabalho da roteirista, Anna Carolina Francisco, pois o livro, por ser de crônicas, não compõe uma narrativa linear. O primeiro desafio foi compor essa tessitura de paisagens e pessoas descritas por Xico Sá, e trazê-las para o universo da série. Assim, foi criado o personagem Quincas, que personifica a voz do autor. Ele também é um cronista sobre relacionamentos na cidade, e é interpretado por Matheus Nachtergaele. Cada episódio da série tem protagonistas diferentes, e Quincas é o fio condutor entre eles.

A equipe trabalhou para tecer elos entre o personagem de Quincas e o escritor Xico Sá, como colocar Quincas para usar óculos de lentes amarelas (favoritas do escritor) em cenas nas quais ele vai a uma cafeteria e ao pet shop. No entanto, cada um é cada um, e o personagem da série não pretende ser nem o Xico Sá, nem o narrador exato do livro. Como afirma Roland Barthes em *Análise Estrutural da Narrativa*, o narrador e também o personagem são apenas “seres de papel”, e o autor material da obra não deve ser confundido com nenhum dos dois (Barthes, 2011).

No primeiro episódio, há uma relação direta com o texto *Psicanálise de pobre ou Eu não sou doctor Freud não*, no qual Xico Sá fala da relação entre o homem e o cachorro. A própria crônica já dialoga com o universo de Cláudio Assis, pois cita diretamente o cineasta: “Foi numa prosa molhada com a melhor bagaceira, (...) que discorremos, este cronista vira-lata e o menino bom Cláudio Assis, sobre a capacidade que os cães têm de ouvir os homens” (Sá, 2010, p. 33).

Neste episódio, Quincas descobre que sua namorada, Rita, interpretada por Laís Vieira, levou embora quase todos os pertences do apartamento, deixando apenas algumas plantas e o cachorro, Bombom, com ele. Para fortalecer essa relação entre o personagem e o animal, o cachorro escolhido para fazer Bombom foi o do próprio ator. No roteiro, o personagem é uma cadela chamada Jujumel, mas nas filmagens o nome foi adaptado para facilitar a relação no set com Dom, o cachorro de Matheus, e assim o nome foi alterado para Bombom. Ao longo do episódio, Quincas, que detesta a responsabilidade de cuidar de animal, acaba criando uma relação de amizade com ele.

Na crônica *Psicanálise de pobre*, o autor fala dessa amizade: “Sim, doutor Freud, psicanálise de pobre é blasfemar para o cão amigo” (Sá, 2010, p. 33), trecho que é citado diretamente como *voice over* de Quincas nas cenas descritas no roteiro como 1.24, 1.26 e 1.27, nas quais são mostrados diferentes momentos de interação entre Quincas e Bombom, e o *voice over* continua:

QUINCAS

O cachorro é mais paciente do que qualquer figurão da alta roda psicanalítica. Melhor até do que os grandes garçons, também exímios na arte de deixar as nossas dores virarem cera nas suas generosas oíças. (Francisco, 2023, p. 19)

As citações diretas são plenamente encaixadas dentro da narrativa do episódio, e Quincas cumpre o seu papel de colar as distintas histórias. Assim, há na série, uma relação actancial, pois como diria também Barthes: "subsiste uma relação actancial, pois os personagens (e por conseguinte a estrutura de suas relações) são os mesmos" (Barthes, 2011, p. 41).

A crônica comenta também sobre os melhores tipos de cachorro para exercer esse tipo de psicologia, e isso acabou perpassando roteiro, direção e atuação. No livro, Xico Sá explica que nem todo cachorro exerce bem esse papel de psicanalista: “Não,

amiga, os poodles não servem (...). Para efeitos terapêuticos, quanto mais vagabundo, mais eficiente o divã canino. Pedigree só atrapalha” (Sá, 2010, p. 34).

No roteiro de Anna Carolina Francisco, há um momento no qual Quincas leva o cachorro para uma consulta com a veterinária, Joana, interpretada por Hermila Guedes, que passa a ser o novo interesse romântico de Quincas. Na conversa com Joana, Quincas diz que Rita “abandonou” o cachorro com ele, o que Joana rebate, dando a entender a responsabilidade que ele também tem com o Bombom, e Quincas se explica:

QUINCAS

Pera aí... Foi isso que ela te disse? Não, não, não. Eu nunca quis um animal. Nunca. Mas sabe como é, a gente se conheceu, ela começou a dormir em casa de fim de semana, quando eu vi já era a semana toda, e depois ela já veio com mala, cuia, samambaia e ainda trouxe a cadela. Isso aí não é cachorro de homem.

JOANA

E tem isso, é? Cachorro de homem, cachorro de mulher? (Francisco, 2023, p. 15)

Essa fala gerou vários diálogos entre roteiro, direção e elenco durante a pré-produção e os ensaios. Durante a preparação, foi importante trabalharem formas também de tornar Quincas um personagem interessante, contemporâneo, respeitoso. Então a ideia de tipificar cachorros como sendo “de homem ou de mulher”, incomodava um pouco as diretoras e o ator. Nos ensaios, a direção trabalhou formas de contextualizar melhor a cena, assim o resultado do diálogo filmado foi esse:

QUINCAS

Ela disse isso? A Rita mente. Não foi isso, ó. Eu nunca quis ter bicho, começou a namorar, a Rita começou a dormir lá em casa. Uma noite, duas vezes por semana, uma semana toda, um mês. Aí mudou, trouxe mala, cuia, samambaia, Bombom, mas ele não é meu não. Se eu tivesse que escolher um cachorro não ia ser esse, ele não é bem um cachorro de homem.

As diretoras trabalharam sempre pensado como operar os diálogos e as cenas de uma maneira que Quincas pudesse se conectar ao máximo possível com o público em geral, incluindo as mulheres. O restante do diálogo entre Quincas e Joana segue de

forma irônica, na qual falam sobre Quincas como se falassem sobre o cachorro. Joana recomenda que o suposto cão abandonado viva esse luto do fim do relacionamento.

Ao final do primeiro episódio, Quincas, que não tinha chorado desde que Rita o abandonou, chora depois que ela retorna e leva Bombom embora. Nesse trecho, o roteiro dialoga também com outra crônica de Sá, *Da arte de chorar em público*, na qual o ator comenta da dificuldade masculina sobre chorar: “Uma das grandes vantagens das mulheres sobre nós é a coragem, o destemor, de chorar em público. Se o choro vem, as mulheres não congelam as lágrimas”. (Sá, 2010, p. 31).

Um elemento que também reforça a ligação entre os universos do livro de Xico Sá com a obra de Cláudio Assis é a ambientação, tanto em relação à escolha dos cenários quanto em relação à direção de arte, assinada por Carla Sarmiento. *Chabadabadá* mostra uma Recife específica, que é agitada, que tem cinemas, teatros, cafés, mas também é boêmia, noturna, periférica mesmo em seu centro, e que abriga corpos que sentem a cidade de formas distintas. Já o apartamento de Quincas é caótico, mas repleto de livros, anotações, fotos e cartazes, traduzindo muito bem seu universo.

Resultados

Enquanto o livro de Xico Sá foi publicado em 2010, a série foi lançada apenas em 2024, sendo assim cada um produto de seu próprio tempos. O processo de adaptação do livro *Chabadabadá* deslocou o centro do olhar da série para uma perspectiva mais feminina, mais atenta às questões de gênero e mais sensória, desde seu processo de adaptação do roteiro até as escolhas de direção e de produção.

A adaptação de *Chabadabadá* evidencia um processo criativo cuidadoso e complexo, no qual a roteirista Anna Carolina Francisco transforma o conteúdo das crônicas de Xico Sá em uma estrutura narrativa, dialogando sempre com a atmosfera da obra original. A criação do personagem Quincas possibilita essa transposição, oferecendo uma unidade narrativa para a série.

Ao longo do episódio, Quincas se consolida como o grande elo entre a literatura e o audiovisual, funcionando como cronista e personagem, guia e espectador, dentro de uma Recife multifacetada e visceral. Ao mesmo tempo, a construção do episódio *Psicologia para Cachorro* revela como o roteiro, a direção e a atuação dialogam para tratar de temas como masculinidade, afeto e abandono.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **Análise Estrutural da Narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

ELSAESSER, T. e HAGENER, M. **Teoria do cinema: Uma introdução através dos sentidos**. Campinas: Papyrus, 2018.

FRANCISCO, A. C. **Chabadabadá Roteiro do Episódio 1 - Psicologia para cachorro**. Recife, 2023.

MARKS, L. *The Skin of the film: Intercultural cinema, embodiment and the senses*. Londres/Durham: Duke University Press, 2000.

MULVEY, L. *Visual Pleasure and Narrative Cinema*. New York: Oxford UP, 1999.

SÁ, X. **Chabadabadá: aventuras e desventuras do macho perdido e da fêmea que se acha**. São Paulo: Record, 2010.

SOBCHACK, V. *The address of eye: a phenomenology of film experience*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

STAM, R. **A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008

VIEIRA Jr, E. M. **Estéticas da corporeidade e espetatorialidades à flor da pele no cinema contemporâneo**. Revista Visuais, no 13, v. 7. Campinas: Ed. Unicamp, 2021.

WILLIAMS, L. *Bodies, Gender, Genre and Excess*. In: *Film Quarterly*, Berkeley, v.44, n.4, 1991.

XAVIER, I. **Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema**. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2003.